

**VI JORNADA UNIVERSITÁRIA EM DEFESA DA REFORMA
AGRÁRIA – UESB/UESC
JURA 2022**

**MULHER, NEGRA, CAMPONESA E ANALFABETA: ENFRENTAMENTOS E
DESAFIOS**

Flávia Lorena da Silva Oliveira

Resumo

Esse texto é resultado de uma pesquisa sobre mulheres na terceira idade, participantes de grupos sociais e de convivência. A investigação contou com a participação de cinco mulheres que narraram suas histórias de vida. Nesse contexto de investigação, surgiu Maria de Lourdes (uma das mulheres investigadas), negra, camponesa e analfabeta com uma trajetória de vida cheia de enfrentamentos e desafios. Com isso, esse texto é um desdobramento de uma monografia cuja o tema versava sobre as trajetórias de vida de mulheres na terceira idade, nessa perspectiva o objetivo desse trabalho é refletir sobre as mulheres, que historicamente e culturalmente são marcadas pelo preconceito de uma sociedade machista e patriarcal, movida por estratificações e exclusões, que trazem consigo a negritude, a identidade camponesa e o ser mulher, fatores que as levam a estarem sempre à margem de uma sociedade, que classifica, denomina e exclui esses sujeitos. Além disso, esse texto discute o acesso aos espaços, principalmente aos ambientes escolarizados, uma vez que, durante tempos a mulher enfrentava dificuldades em frequentar a escola, e isso se acentuava ainda mais quando se tratava de mulheres negras e do campo. Por fim, essa discussão reflete sobre os desafios e enfrentamentos pelos quais muitas mulheres passaram, além disso, traz à tona a mulher em sua diversidade, com as proposições ligadas aos diversos fatores políticos, sociais e educacionais.

Palavras chave: Mulheres. Diversidade étnica e cultural. Enfrentamentos.

Palavras introdutórias

Prepare o seu coração, pras coisas que eu vou contar, eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão e posso não lhe agradar[...]

O sertão está imbuído de significados, povos, culturas e educações, para isso, é necessário se preparar, tal como alerta a canção (com toda licença) de Geraldo Vandré / Théo de Barros, “pras” coisas que eu vou te contar. Esse trabalho resulta de uma pesquisa realizada no município de Candiba, cidade do interior Bahia. A investigação contou com a participação de mulheres na terceira idade e participantes de grupos sociais. Para isso, utilizou-se da epistemologia qualitativa, que conforme Minayo (2010), investiga as aspirações, sentidos e a

**VI JORNADA UNIVERSITÁRIA EM DEFESA DA REFORMA
AGRÁRIA – UESB/UESC
JURA 2022**

essência do objeto pesquisado, não podendo ser somente quantificada e medida de forma estática.

Destarte, evidenciou-se que a maioria das mulheres pesquisadas dentro de um grupo específico, denominado “Melhor Idade”, se afirmam enquanto “da roça”, sendo, aposentadas, camponesas, negras, pardas e brancas, com pouca ou nenhuma escolaridade. Uma das técnicas utilizadas para a coleta de dados foi à entrevista semiestruturada, a partir disso, ficou evidente na fala das mulheres as precárias condições de estudo, ou até mesmo, as inexistentes possibilidades aos espaços escolarizados, uma vez que, por volta dos anos de 1940, a educação não era direito de todos e dever do Estado como legitima a Constituição de 1988, além disso, os povos do campo eram deixados a margem, invisibilizados por uma sociedade excludente e classificatória.

Nessa perspectiva, esse trabalho traz uma discussão voltada para as mulheres negras, camponesas com pouca ou nenhuma escolaridade que trazem vivências de enfrentamentos e desafios de toda uma vida. É válido mencionar que, ser mulher, há aproximadamente 50 anos atrás era uma condição de extremo sofrimento e desigualdade, e isso é mais evidente quando se observa que, apesar de lutas que convergiam, muitas não se encontravam nas mesmas condições, acessos e espaços. Nesse sentido, a mulher camponesa e negra sofria deliberadamente diferentes formas de preconceitos e intolerâncias no que diz respeito à gênero, classe e etnia.

Fiquei na escola quinze dias [...] já era grande, não estudei!

O Sertão nordestino passou pelo processo conhecido como êxodo rural, este fez com que muitos homens e mulheres do campo deixassem suas terras, muitos com as terras arrendadas pelos fazendeiros, endividados e sem políticas e condições mínimas para se viver no campo começaram a migrar para estados como o de São Paulo, esse processo descaracterizou e massacrou muitas famílias do campo, uma vez que esses tiveram suas identidades furtadas por um sistema capitalista que oprime e cria as estratificações de dominantes e dominados, segundo Gaspar (1970, p.128).

[...] de fato, o êxodo rural resulta, sobretudo da má distribuição e aproveitamento das terras: a existência de latifúndios concentrando, sem aproveitamento, imensas

VI JORNADA UNIVERSITÁRIA EM DEFESA DA REFORMA AGRÁRIA – UESB/UESC JURA 2022

extensões de terras nas mãos de uns poucos; por outro lado, há uma proliferação de minifúndios, cuja rentabilidade econômica é insuficiente para manter uma família.

Nesse cenário de migrações e buscas por condições mínimas de sobrevivência se encontrava Maria de Lourdes, uma das mulheres da pesquisa, que nasceu no ano de 1944, na fazenda Ressaca, no município de Candiba-BA, viveu em meio a cinco irmãos e foi uma das filhas deixadas para trás quando a mãe migrou para o estado de São Paulo, a mãe, mulher, camponesa, negra, analfabeta e viúva, sem condições mínimas de assistência, terras e trabalho para o sustento da família, deixou três filhos na cidade interiorana e levou os outros dois consigo.

Depois desse episódio de abandono, Maria de Lourdes foi separada dos irmãos e passava de casa em casa, em busca de abrigo, morando em troca de favor e força de trabalho. Conta que teve uma infância muito sofrida e que era muito maltratada pela família que a criava, houve um dia que seu tio resolveu levá-la e criá-la, relata que ficou na casa dele até o dia de seu casamento.

Mãe de cinco filhos(as), Maria de Lourdes era negra, camponesa, analfabeta, aposentada e dona de casa, casada há mais de cinquenta e seis anos, passava os dias fazendo as tarefas diárias. Em seus 74 anos de idade Maria de Lourdes relatou que frequentou muito pouco a escola, considerava não ter aprendido nada, além do mais quando começou a ir já era grande, o prédio escolar ficava situado na comunidade rural da Ressaca, pertencente ao município de Candiba-BA. *“Eu fui na escola quinze dias na Ressaca e não aprendi nada, eu fiquei somente quinze dias na escola e eu já era grande, não estudei não. As outras meninas estudavam e eu trabalhava”*. (Maria de Lourdes, 74 anos, 29 de jul. 2018).

A vida sofrida de Maria de Lourdes e falta de acesso aos espaços escolarizados impediu a ida da mesma nas escolas, além disso, ir a escola era uma oportunidade concedida as filhas dos fazendeiros, pessoas com poder e terras, as demais tinham que trabalhar na lida, no preparo e plantio da terra. Nessa perspectiva, muitas mulheres descreditaram de si mesmas, como Maria de Lourdes e afirmavam não aprender mais, por conta da idade. É contra esse discurso determinante e imposto por um sistema desigual que versa a pedagogia de Paulo Freire, uma vez que, Freire (2005) defendia uma educação para todos independente do tempo e espaço, até porque cada sujeito tem seus próprios conhecimentos prévios, que devem ser considerados e respeitados num processo formativo.

VI JORNADA UNIVERSITÁRIA EM DEFESA DA REFORMA AGRÁRIA – UESB/UESC JURA 2022

Além da escola, espaços como associações, sindicatos e grupos de convivências por tempos foram liderados por homens, sem espaços para as vozes e opiniões femininas. Esses espaços de convivência possuíam um repertório de livros, folhetos, revistas e outros, que competem a um conjunto de materiais ligados aos processos de escrita e leitura. Nessa perspectiva, aos poucos as mulheres foram se apropriando desses materiais pela entrada e permanência nos grupos não formais, articulando as práticas educativas e culturas do escrito.

Galvão, Queiroz e Jinzenji (2013) afirma que, muitas mulheres, mesmo com processos de escolarização negados e impossibilitados, constituíram em suas vivências, lugares de culturas do escrito, “podemos considerar que a cultura escrita é o lugar – simbólico e material – que o escrito ocupa em/para determinado grupo social, comunidade ou sociedade” (GALVÃO, QUEIROZ, JINZENJI, 2013, p.4).

Nesse contexto, muitos eram e são os desafios enfrentados por mulheres, de forma mais delineada, pelas negras, camponesas com pouco ou nenhum estudo, uma vez que, além do preconceito relacionado ao gênero sofrem pela raça, etnia, pertencimento cultural e fatores ligados aos saberes institucionalizados pela sociedade letrada. Por isso, é necessário discutir os lugares e protagonismos desses sujeitos, que fazem parte da sociedade, mas que por vezes são mantidos à margem e sofrem pela falta de políticas públicas, direitos, acessos e equidade.

Considerações finais

As exposições desse texto, versam sobre parte da história de uma mulher idosa, negra, camponesa, mãe e analfabeta, que apesar de ser singular e única, tem em uma sociedade ainda machista e desigual muitas outras história que são semelhantes à sua. Nessa perspectiva, as mulheres unem vozes, lutas e desafios em prol de uma causa maior, foi nesse contexto de insatisfações, por exemplo, que nasceram vários movimentos liderados e propostos por diversas mulheres, como o Movimento de Mulheres Negras, Movimento Feminista, Movimento de Mulheres Camponesas e outros.

Assim como Maria de Lourdes, existem diversas outras mulheres que precisam de visibilidade e reconhecimentos enquanto protagonistas de suas próprias histórias. Mulheres que vivem os diversos desafios da vida por não saberem ler, escrever, consequência de um sistema que negou por muitos anos o acesso aos espaços escolarizados para mulheres, principalmente as negras e camponesas. É nesse cenário de restrições que muitas mulheres se encontraram e

VI JORNADA UNIVERSITÁRIA EM DEFESA DA REFORMA AGRÁRIA – UESB/UESC JURA 2022

vivem diariamente enfrentamentos que são resultados de uma sociedade opressora e classificatória.

Por fim, a discursão posta nesse texto visa refletir sobre os desafios e enfrentamentos pelos quais muitas mulheres passaram, além disso, traz a tona a mulher em sua diversidade, que nesse caso em específico é negra, camponesa e analfabeta. Uma das diversas Marias que existem e que teve que lidar com preconceito, desigualdade, racismo e outros, para além disso, teve que descobrir e se reinventar de forma que conseguisse viver com as condições mínimas no que se refere a respeito, direitos e políticas públicas. Infelizmente, muitas histórias foram e são silenciadas, mas é preciso lutar e ser resistência para que haja mudança e transformação em toda sociedade.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; QUEIROZ, Kelly Aparecida de Sousa; JINZENJI, Mônica Yumi. Mulheres de meios populares e a construção de modos de participação nas culturas do escrito (Minas Gerais, Brasil, século XX). **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**. n.72, p. 1-18, 2013.

GASPAR, Luciano Mota. Migrações rurais e crescimento urbano. Rev. C. Sociais. São Paulo. Vol. I N.o 1. p. 124-135. Janeiro 1970.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis: vozes, 2010.

OLIVEIRA, Flávia Lorena da Silva; LEAL, Maísa Cotrim. **Trajetórias de vida e práticas educativas de mulheres idosas: saberes construídos ao longo da vida**. Monografia de (graduação). Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação Campus XII-Guanambi, Bahia, 2018.

SOBRE O AUTOR

Flávia Lorena da Silva Oliveira

Mestranda em Educação de Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB-PPGED; Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB *Campus XII*; Licenciada em Língua Portuguesa pela Universidade Metropolitana de Santos - UNIMES; Bolsista de Mestrado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia- FAPESB. E-mail: flavialore_cba@hotmail.com